

Grampo telefônico da conversa de Dilma e Lula e as manifestações públicas pelo país sob o prisma da grande mídia e imprensa alternativa¹

Cleide Rodrigues PICOLO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

A proposta é refletir sobre a prática do jornalismo enquanto função social com base em observações da cobertura na imprensa referente ao grampo telefônico da conversa entre Dilma e Lula e as manifestações que eclodiram pelo país a partir da liberação do sigilo das gravações autorizada pelo juiz Sergio Moro, em março de 2016. Trata-se de pesquisa bibliográfica em teorias do jornalismo e análise exploratória de reportagens da grande mídia e imprensa alternativa. Conclui-se que a divulgação do “fato” pela grande mídia inflou mais a crise econômica e política no país devido à excessiva cobertura desfavorável ao governo, sendo mais um dos fatores sociais e institucionais do contexto do impeachment da presidente da República. A imprensa alternativa foi uma opção aos grandes jornais ao tratar de temas não “lembrados” pela cobertura convencional.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Grande mídia no Brasil; Imprensa alternativa no Brasil, Impeachment de Dilma Rousseff; Crise política e econômica no Brasil.

INTRODUÇÃO

A proposta é refletir sobre a prática do jornalismo enquanto função social a partir de um “acontecimento” relevante. Para este estudo, tomamos como referência um tema de grande repercussão no contexto do impeachment de Dilma Rousseff e que compõe nossa dissertação sobre as manifestações públicas pró e contra o processo a partir de grupos organizados e articulados nas redes sociais on-line. Trata-se do noticiário sobre a divulgação do áudio da presidente da República com Lula, após a nomeação dele para o ministério da Casa Civil, em 16 de março de 2016, na imprensa.

A liberação do sigilo das gravações interceptadas pela Polícia Federal (PF) foi autorizada pelo juiz Sergio Moro que investigava o ex-presidente na Operação Lava Jato. A conversa ocorrera fora do prazo determinado pela justiça para a gravação, mas foi divulgada, ao que parece, em razão da nomeação de Lula para compor o ministério de Dilma. Essa indicação foi interpretada como suposição de dar ao ex-presidente foro

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2018.

² Jornalista. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista CNPq. E-mail: cleidepicolo@gmail.com.

do Supremo Tribunal Federal (STF). Os investigadores não suspenderam as interceptações telefônicas e informaram Moro sobre o telefonema que, ao se apropriar do teor da conversa, autorizou a divulgação deste e outros áudios para a imprensa sob a alegação de “interesse público”.

Buscamos elementos que contribuíssem para a compreensão da função social da ação jornalística a partir de teorias do jornalismo sobre ação jornalística e de imprensa alternativa. Trata-se de análise de reportagens veiculadas no dia seguinte ao fato, em 17 de março, em veículos da grande mídia e imprensa alternativa sobre o “acontecimento” e/ou geradas a partir dele. Com base nesta exposição, levantamos a pergunta de pesquisa: qual a influência da cobertura da grande mídia e imprensa alternativa sobre o grampo telefônico envolvendo Dilma e Lula após a nomeação do ex-presidente para o ministério da Casa Civil no processo de impeachment da presidente?

A hipótese é que a crise política do governo teria atingido seu ápice a partir da divulgação da conversa telefônica gravada pela PF e autorizada por Sergio Moro, considerando a forma espetaculosa de difusão da informação na grande imprensa. Daí para a abertura do processo de impeachment foi uma questão de tempo. Em nossa visão, o impeachment de Dilma não ocorreu de uma hora para outra. Foi um processo gradativo em que diversos fatores influenciaram para sua destituição, como interesses econômicos, políticos, político-partidários e pressão da grande imprensa.

Consideramos que se “os acontecimentos são transformados em notícias pelo sistema jornalístico” (SOUSA, 2000, p.29), logo este “acontecimento” seria repercutido pelos *media* e o tom da cobertura seria pautado por interesses e “intenções” particulares de cada veículo. Ligada historicamente a bases e movimentos sociais, populares e de esquerda, a imprensa alternativa faria frente ao jornalismo convencional, na perspectiva de promover um debate crítico sobre tal “acontecimento” e, conseqüentemente, sobre o processo de impeachment que se desenhava naquela conjuntura da política nacional.

1. Provocações sobre o fazer jornalístico, ética e manipulação na imprensa

Para a análise acerca da cobertura jornalística sobre o grampo telefônico do diálogo de Dilma com Lula na imprensa faz-se necessário abordar a ação jornalística e assuntos correlatos à produção da notícia, como ética no jornalismo, papel do jornalista, noticiabilidade de um acontecimento e manipulação da informação.

Sousa (2000, p.31) defende a ideia de que ao se falar de jornalismo deve-se conceber vários “jornalismos” porque “além das forças que enformam a notícia, há a considerar que no mundo existem vários conceitos de jornalismo, que possuem natureza simultaneamente social, ideológica e cultural”. Esses conceitos ou “teorias da imprensa” “possuem componentes normativas e funcionais que direcionam, enformam e circunscrevem o jornalismo, os jornalistas e os discursos jornalísticos” (SOUSA, 2000, p.31).

O autor categoriza vários modelos de jornalismo – autoritário, revolucionário, comunista, para o desenvolvimento e o ocidental. Porém, discorre mais profundamente “à forma como jornalismo ocidental funciona ou deveria funcionar idealmente”, que nos parece se aproximar mais da linha dos veículos que vamos observar neste texto. Apesar deste modelo de jornalismo propagar “as ideias de que pluralismo e democracia são benéficos para a sociedade” e que “uma população informada pode, em consciência, participar nos processos de tomada de decisão” (SOUSA, 2000, p.37), sua prática recebe críticas de alguns autores. Ele recorre a Chomsky e Herman que, ao tomarem como referência o jornalismo norte-americano, observam que o Modelo Ocidental de Jornalismo funciona como um Modelo de Propaganda. Deste modo, “o mercado das ideias e das informações não é inteiramente livre” (SOUSA, 2000, p.37-38).

Numa análise mais abrangente, em que aborda teorias de desenvolvimento na comunicação, Peruzzo (2014) observa a relação dos grandes meios de comunicação de massa convencionais com os interesses do grande capital. Segundo ela, estes “sempre expressam em sua agenda pública os paradigmas da modernização, o que continua a se manifestar de forma predominante atualmente” (2014, p.180). Embora a prática jornalística, em sua essência, preze pela função social e compromisso com a veracidade da informação, é sempre um recorte de um acontecimento, cujo relato reproduzido no processo da produção jornalística está carregado de uma intenção.

Para Chaparro (1994, p.116), “sem intenção não é possível agregar, no fazer criativo do jornalismo, a ética, a técnica e a estética. Sem o controle consciente sobre os fazeres, o jornalismo não se concretiza nem como ação social nem como criação cultural”. Em seu trabalho, o jornalista deve se comprometer com a veracidade dos fatos, mesmo ciente de que fará um recorte do “acontecimento”. Sua ação deverá ser balizada por princípios éticos, os quais “devem determinar as intenções controladoras das ações jornalísticas, tendo como motivo o interesse público” (CHAPARRO, 1994,

p.120). Acreditamos, então, que o interesse público deva se sobressair no noticiário ante aos interesses econômicos e políticos das organizações hegemônicas.

Bucci (2003) quando trata do tema “sobre ética e imprensa” reforça o papel do jornalismo na sociedade. Ele pontua três questões importantes com relação à prática jornalística: deve-se “perseguir a veracidade dos fatos para bem informar o público”, cumprir “uma função social antes de ser um negócio” e “a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem” (2003, p.30).

Apesar de, teoricamente, serem premissas óbvias no fazer jornalismo, a história nos mostra exemplos que contradizem o que expomos. O autor relata três episódios relacionados a fatos da “história política do Brasil – a campanha das diretas de 1984, as eleições presidenciais de 1989 e a mobilização popular pelo impeachment em 1992 – [em que] a principal rede de televisão do país falsifica, distorce e omite informações essenciais” (BUCCI, 2003, p.31).

Mais do que as normas de conduta que orientam a ação dos jornalistas, é preciso envolver no debate a ética das empresas que se dedicam ao negócio da comunicação social e identificar, ou propor, limites ao poder (econômico, político ou estatal) que procura subordinar a comunicação aos interesses, violando, com isso, o direito à informação (...). A desinformação não se deve apenas a maus profissionais, mas também a atitudes empresariais que revelam falta de compromisso com o direito à informação, que se articulam para excluir das decisões que em seu nome são tomadas (BUCCI, 2003, p.36).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que “fixa as normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional, nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação, e entre jornalistas” (GOMES, 2002, p.77) deveria nortear os fazeres jornalísticos, desde os profissionais aos grupos empresariais da comunicação social. Porém, a prática nem sempre condiz com a normatização da ação jornalística. Abramo (2003) observa que há diversas e várias formas de manipulação da realidade pela imprensa, porém, ressalta:

(...) não é *todo* material que *toda* a imprensa manipula *sempre*. Também não é que o fenômeno ocorra uma vez ou outra (...). A gravidade do fenômeno decorre do fato de que ele marca a essência do procedimento geral do conjunto da produção cotidiana da imprensa. Essa característica geral pode ser observada quando se procura tipificar as formas mais usuais de manipulação. É possível distinguir e observar pelo menos quatro padrões de manipulação: *padrão de ocultação*, *padrão de fragmentação*, *padrão da inversão* e *padrão de indução* (ABRAMO, 2003, p.24-35).

Ao concebermos uma reportagem veiculada na mídia faz-se necessário ficarmos atentos aos motivos e/ou contexto que tornaram aquele “acontecimento” noticioso. Devemos, ainda, considerar não apenas a atuação do jornalista como também o papel da empresa de comunicação no processo de produção da notícia e os interesses políticos, econômicos e sociais da instituição dentro de um contexto social e institucional. São vários os fatores que compõem uma notícia.

Mas, o que vem a ser uma notícia? Sousa (2000, p.29) se apoia em Rodrigues para dizer que “a notícia seria mesmo um meta-acontecimento, um acontecimento que se debruça sobre outro acontecimento, sendo acontecimento por ser notável, singular e potencial fonte de acontecimentos notáveis”. Para Chaparro (1994, p.119), “é notícia o relato que projeta interesses, desperta interesses ou responde a interesses. Esse atributo de definição pode alcançar maior ou menor intensidade, dependendo da existência, em maior ou menor grau, de atributos de relevância no conteúdo”. O autor constrói uma grade de atributos do produto jornalístico que podemos usar como referência para entender o fator-notícia de um acontecimento: 1. Atributo de “definição” relacionado ao interesse; 2. Atributos de “relevância” relacionados à atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade e surpresa (CHAPARRO, 1994, p.120).

Se considerarmos a grade de atributos do produto jornalístico traçada por Chaparro (1994), as manifestações públicas articuladas por grupos nas redes sociais no processo de impeachment de Dilma envolveram vários destes, assim como outros assuntos correlatos ao tema. Do “interesse” da opinião pública e das próprias empresas de comunicação à “relevância” dos fatos por estarem relacionados à principal autoridade do poder Executivo e a outros fatores do contexto social e institucional.

2. Abordagens sobre imprensa alternativa e as mídias jornalísticas deste estudo

A denominação imprensa alternativa origina-se de um processo de comunicação contra-hegemônica, cuja ideia foi formulada por intelectuais que seguiram a linha de pensamento do marxista Antonio Gramsci com relação ao conceito de hegemonia. No Brasil, houve momentos históricos relacionados à comunicação alternativa como “na imprensa operária dos anarco-sindicalistas do final do século XIX e início do século XX

e da imprensa partidária do Partido Comunista Brasileiro das décadas de 1940 e 1950” (FERNANDES, 2013, p.1-2).

Porém, a imprensa alternativa, “marcou época durante o regime militar com jornais que aspiravam mudanças na sociedade. Este tipo de jornal alternativo representava, de fato, alternativa de leitura aos grandes jornais então existentes” (PERUZZO, 2009, p.136). Segundo a autora, o que caracteriza o veículo como alternativo “é o fato de representar uma opção como fonte de informação, pela cobertura de temas ausentes da grande mídia e pela abordagem crítica dos conteúdos que oferecem” (2009, p.137) e essa forma de comunicação alternativa tem se revigorado de modo “extraordinário” no século XXI. Para a autora, a imprensa alternativa se posiciona da seguinte forma hoje:

Com o passar do tempo se reinventa, muda o caráter combativo, mas continua se caracterizando como independente de governos e empresas e não se alinhando ao modo de operar dos grandes meios de comunicação, na sua lógica de mercado e como sistema burocrático. Mantém também seu caráter não aderente aos interesses ideológicos e políticos das classes dominantes. Parece não querer derrubar governos, mas exercitar a liberdade de expressão em favor do interesse público (PERUZZO, 2013, p.90).

A partir do exposto sobre a prática jornalística, adotamos critérios de seleção dos veículos estudados. Selecionamos dois tradicionais jornais de abrangência nacional da grande mídia: *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, fundados em 1921 e 1925, respectivamente. Atualmente, são os maiores em circulação média diária (impresso e digital) no Brasil, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), e se mostram sensíveis aos avanços tecnológicos e às transformações advindas da era digital. Com relação à imprensa alternativa, escolhemos *Caros Amigos*, *Agência de Notícias Carta Maior* e *Jornalistas Livre* por serem iniciativas recentes com presença na internet, e que se propõem a produzirem conteúdos com abordagens críticas sobre temas atuais em contraponto com o jornalismo praticado pela mídia tradicional.

3. Grampo telefônico da conversa de Dilma e Lula: o estopim de uma crise política sob o prisma da grande mídia e imprensa alternativa

Este estudo exploratório originou-se da investigação na imprensa cujo foco era o impacto das ações de comunicação dos grupos que se articularam nos ambientes virtuais

no movimento de impeachment de Dilma. A proposta foi refletir sobre a prática do jornalismo enquanto função social a partir do noticiário sobre a divulgação do áudio entre Dilma e Lula, após a nomeação dele para o ministério da Casa Civil, em 16 de março de 2016, na grande mídia e na imprensa alternativa. A pesquisa exploratória compreendeu a análise de reportagens veiculadas no dia seguinte ao “acontecimento”, nos jornais da grande mídia a *Folha de S.Paulo* e em *O Globo*, em contraponto com as notícias de *Caros Amigos*, *Agência de Notícias Carta Maior* e *Jornalistas Livres* que se posicionam no âmbito da imprensa alternativa. No estudo, analisamos a objetividade subjetiva do jornalismo, com base na concepção Bucci (2003, p.93-95):

A objetividade passará a depender de iniciativas subjetivas daqueles que são notícia, e estas, por sua vez, só podem ser observadas por habilidades também subjetivas daqueles encarregados de informar o público (...). [O jornalismo] existe para pôr as ideias em confronto, para realizar o debate público, para suprir os habitantes do planeta das notícias diversas de que eles passaram a precisar para mover-se e tomar decisões na democracia moderna (...). Quando o jornalismo busca objetividade, está buscando estabelecer um campo intersubjetivo crítico entre os agentes que aí atuam: os sujeitos que produzem o fato, os que observam e o reportam, e os que tomam conhecimento do fato por meio do relato (...). A objetividade no jornalismo, que é intersubjetividade, não pede isenção total – pede equilíbrio.

A investigação abrangeu 42 notícias sobre o “acontecimento” e/ou geradas a partir dele, 30 resultam da grande mídia e 12 da imprensa alternativa. Dividimos as reportagens em dois blocos: um que trata exclusivamente das conversas de Dilma com Lula e outros áudios de Lula; e outro de notícias geradas a partir deste “acontecimento”, como pedido de renúncia de parlamentares, protestos pelo país, atos de apoio a Lula e Dilma e entrevista de Dilma sobre nomeação de Lula.

QUADRO 1 – Análise exploratória de notícias de 17 de março de 2016

Grande mídia – <i>O Globo</i> e <i>Folha de S.Paulo</i>		
Veículos	Reportagens sobre o grampo	Reportagens correlacionadas
<i>O Globo</i> (impresso)	<u>3 notícias</u> Diálogo Ameaça Dilma (<i>Capa</i>) Ação contra a Justiça Antes do grampo, uma versão diferente	<u>3 notícias</u> Ruas explodem em protestos e panelaços... ...No Congresso, oposição exige renúncia O governo tinha um plano

<p>Análise de O Globo</p>	<p>A conversa entre Lula e Dilma e outros áudios entre a cúpula do governo dão indícios de que a nomeação do ex-presidente seria uma estratégia para livrá-lo das investigações da Lava Jato. A divulgação dos diálogos causou protestos nas ruas e de parlamentares contra o governo; e PF e especialistas ouvidos pelo veículo viram tentativa de obstrução à Justiça. Lula com medo das investigações. Críticas à nomeação pressionam Dilma a dar explicações em coletiva sobre o comando do governo. As principais fontes são contra o governo; atos pró-governo são minimizados no noticiário; não há menção sobre a legalidade da divulgação dos grampos. Apenas o MBL foi citado em reportagem sobre as manifestações em Brasília ao levar carro de som às ruas. Em citação sobre ato pró-Dilma, o jornal informa que cerca de 20 pessoas participam do protesto. Estas foram embora após discussão, dispersada com gás lacrimogêneo. Articulações nas redes sociais voltadas ao engajamento social também foram lembradas.</p> <p>Considerações gerais: o noticiário mostra um governo fragilizado, sem apoio popular, que busca a todo custo manter-se no poder. A liberação dos áudios teria frustrado a estratégia de Dilma e Lula para evitar o impeachment e tirar o país da crise. Ao ocultar a informação sobre a legalidade dos áudios e/ou minimizar ações e fontes pró-governo; e ao dar visibilidade a fatos que reforçam a crise no governo, nos parece que o jornal assume claramente um posicionamento, quando, na verdade, deveria ater-se a cumprir sua função social. Verificam-se pelo menos dois padrões de manipulação da notícia: <i>ocultação</i> pela ausência de fatos na produção da imprensa, e <i>fragmentação</i>, pela <i>seleção de aspectos</i> do fato e <i>descontextualização</i> do acontecimento (ABRAMO, 2003, p.25-28). Portanto, não há equilíbrio no fazer jornalístico, conseqüentemente, não há a objetividade defendida por Bucci (2003).</p>	
<p>Folha de S.Paulo (impresso)</p>	<p><u>18 notícias</u></p> <p><i>Capa</i></p> <p>Grampos telefônicos</p> <p>Presidente atuou para evitar prisão de Lula, indica gravação</p> <p>Planalto afirma que Moro violou lei com vazamento</p> <p>Painel – Celular utilizado por Lula estava em nome de um laranja</p> <p>Não há mais condições políticas para petista assumir a Casa Civil</p> <p><i>Páginas internas</i></p> <p>Painel – Celular era do amigo</p> <p>Dilma atuou para tentar evitar a prisão de Lula, indica gravação da PF</p> <p>Lava Jato aponta tentativa de turvar as investigações</p>	<p><u>6 notícias</u></p> <p>Deputados fazem coro no plenário por renúncia</p> <p>Temer diz a aliados que ficou perplexo com as gravações</p> <p>Protesto em Brasília tem bombas e ferido</p> <p>Esquerda faz ato de apoio a Dilma e Lula em SP</p> <p>Dilma nomeia Lula às pressas</p> <p>Indústria quer discutir ação na crise</p>

	<p>Especialista citam obstrução da Justiça; outros contestam gravação</p> <p>O que dizem os especialistas</p> <p>Grampo de Dilma ocorreu após o veto de Moro</p> <p>PF responsabiliza juiz pelo uso das gravações</p> <p>Dilma afirma que teor da gravação é republicano</p> <p>Cúpulas estão acovardadas, afirma petista</p> <p>Em grampo, petista reclama a ministro da Fazenda sobre investigação da Receita</p> <p>Lula cobra ministro da Justiça pulso com PF</p> <p>Lula diz que delação sem PSDB é fraude e ironiza Marta Suplicy em conversas</p> <p>Moro venceu corrida com o Planalto ao levantar sigilo de áudio</p>	
<p>Análise de Folha de S.Paulo</p>	<p>A maior parte do noticiário aborda o grampo telefônico das conversas entre Lula e Dilma e outros áudios de Lula. O veículo traz várias nuances sobre o “acontecimento” a partir da manchete “Presidente atuou para evitar a prisão de Lula, indicação gravação”, na busca de um debate “crítico” sobre o fato. A repercussão da legalidade das gravações e atos de apoio ao governo entram noticiário. Contudo, a maior parte é crítica ao governo. Nas 24 fotos que ilustraram as matérias, dez são de manifestações e protestos nas ruas contra o governo. Estas foram usadas mesmo quando a notícia não se referia a atos públicos, o que transmite ao leitor um momento de crise política no país com mobilização da sociedade contra as ações do governo. O jornal se utiliza das fontes (pró e contra o governo) para promover o “debate” em suas reportagens. O MBL e o Vem pra Rua foram citados como principais organizadores dos protestos do último domingo (13 de março de 2016). Embora não haja citação de dos outros grupos estudados, o jornal faz a cobertura de atos pró-Dilma, com citações de fontes de apoio à presidente.</p> <p>Considerações gerais: o noticiário mostra um governo em crise, cuja última tentativa de reagir a tal situação se mostrou frustrada. Neste episódio, Dilma e Lula são protagonistas e têm suas imagens arranhadas. O jornal promove o “debate” crítico sobre a divulgação e o teor dos áudios, ouvindo fontes pró e contra o fato. Apesar de a cobertura buscar o equilíbrio da notícia em prol do “pluralismo” e “jornalismo crítico”, o noticiário contra o governo tem maior visibilidade, seja por meio de fotos; disposição de texto; ilustrações; tamanho, linha fina e título da notícia, entre outros aspectos editoriais. Verifica-se, aqui, a manipulação da notícia pelo padrão da <i>inversão</i>, que está relacionado ao “reordenamento das</p>	

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 10 e 11 de dezembro de 2018

	partes, a troca de lugares e de importância dessas partes, a substituição de umas por outras (...). É um padrão que (...) tem seu reinado por excelência no momento da preparação e da apresentação final, ou edição, de cada matéria ou conjunto de matérias” (ABRAMO, 2003, p. 28-29). Na <i>Folha de S.Paulo</i> , o equilíbrio da informação é comprometido no processo de edição da notícia, mesmo que sutilmente, apesar do jornal ter perseguido o pluralismo na veiculação das notícias.	
Imprensa alternativa – <i>Caros Amigos</i>, <i>Carta Maior</i> e <i>Jornalistas Livres</i>		
Veículos	Reportagens sobre o grampo	Reportagens correlacionadas
<i>Caros Amigos</i> (on-line)	<p><u>3 notícias</u></p> <p>Dilma critica grampos de conversa com Lula e diz que "golpes começam assim"</p> <p>Após grampos, Lula pede 'simplesmente justiça' em carta Aberta</p> <p>Moro grampeou 25 advogados que atuam em escritório que defende Lula, diz nota</p>	<p><u>4 notícias</u></p> <p>Liminar que suspende posse de Lula visa tumultuar, afirma professor da FGV</p> <p>Cai liminar do DF que impedia posse de Lula; AGU chama juiz de "engajado" contra Dilma</p> <p>SP: Juristas fazem ato em defesa da legalidade</p> <p>"Direita brasileira não quer perder seus privilégios", diz Pepe Mujica</p>
Análise de <i>Caros Amigos</i>	<p>As reportagens analisadas tratam da posse de Lula, no dia 17 de março, e não de sua nomeação e dos grampos telefônicos como verificado na grande mídia. Por essa razão, procuramos observar o trato dado às notícias sobre os assuntos relacionados ao governo. O noticiário é favorável a Dilma e Lula. O veículo publica notas na íntegra enviadas à redação. A versão sem edição dá veracidade à informação. As fontes ouvidas também são pró-governo. O veículo traz notícias que, comumente, não entram na pauta da grande mídia. Exemplos: a de interceptações telefônicas da PF no escritório dos advogados de defesa de Lula, e da liminar que suspende posse de Lula, cujo juiz teria feito postagens nas redes sociais de participação de atos contra Dilma. Reprodução do discurso do governo no que tange “a luta contra o golpe” por meio de notícias e de entrevistas com as fontes.</p> <p>Considerações gerais: o noticiário evidencia posicionamento pró-governo e de tendência esquerda. Coloca em pauta assuntos não abordados pela grande mídia, mostrando que a sociedade não tinha um discurso uníssono. Reproduz o discurso do governo de “luta contra o golpe” por meio de textos e/ou fontes. A <i>Caros Amigos</i> crítica a grande mídia, fazendo jus à sua proposta de ser uma publicação “contra-hegemônica, alternativa e de reflexão crítica do pensamento neoliberal”, porém, nos parece que deixa transparecer um certo partidarismo na produção da notícia. Sobre isso, Bucci alerta: “o que não pode haver é uma ligação formal de subordinação pública entre o jornalista dedicado à cobertura política e um partido: ele não está na profissão para obedecer um partido, mas ao interesse público” (2003, p.104).</p>	
<i>Carta Maior</i>	<p><u>1 notícia</u></p> <p>Moro usa grampo ilegal na sua</p>	<p><u>1 notícia</u></p> <p>A resistência no TUCA e a marcha do</p>

	cruzada contra Lula	golpe
Análise de Carta Maior	<p>Reportagem aborda a legalidade dos grampos telefônicos e a divulgação dos áudios autorizados pelo juiz Sergio Moro. Mas, utiliza expressões com juízo de valor em sua cobertura. Sugere que haveria uma ação conjunta da PF, Moro e mídia para derrubar Lula e Dilma a qualquer preço. Questiona a forma de divulgação da informação de veículos das Organizações Globo – <i>Globo News</i> e <i>CBN</i> – e também da <i>Folha de S.Paulo</i>. Mostra grupos aliados, como intelectuais e diferentes correntes progressistas, para “planejamento de luta que agora urge”. Faz referências às manifestações pró e contra o governo.</p> <p>Considerações gerais: o noticiário é todo pró-governo. Evidencia sua postura crítica quanto à imprensa e grupos hegemônicos. Mostra o engajamento da sociedade pela democracia, reproduzindo o discurso do governo e de movimentos contra o impeachment e de apoio a Lula e Dilma. Apresenta uma cobertura jornalística fora dos padrões da imprensa convencional, mas não segue a cartilha de objetividade subjetiva do jornalismo. Sabemos que “a neutralidade é impossível e a objetividade (...) é uma conquista efêmera, (...) mas, sobretudo, em política, um mínimo de distanciamento crítico pode e deve ser pretendido pelos profissionais de imprensa” (BUCCI, 2003, p.112).</p>	
Jornalistas Livres	<p><u>1 notícia</u></p> <p>O golpe de Moro, o assédio moral e o terror político (link para reportagem da <i>CBN</i> sobre manifestação)</p>	<p><u>2 notícias</u></p> <p>Manifestantes agridem jovens em ato contra nomeação de Lula à Casa Civil (texto/vídeo)</p> <p>Guilherme Boulos em ato pela legalidade democrática (texto/vídeo)</p>
Análise de Jornalistas Livres	<p>O artigo que aborda a liberação dos áudios de Dilma e Lula por Moro seria uma forma de o juiz revidar a nomeação do ex-presidente como ministro-chefe da Casa Civil. Suscita que estaria havendo perseguição a Lula; e terrorismo judicial a partir de uma aliança entre mídia e MPF contra a vontade de uma parte significativa da opinião pública. Ilustração remete à ligação entre Moro e Organizações Globo. A inserção de matéria veiculada pela <i>CBN</i> mostra versão ocultada pelo noticiário da grande mídia: manifestantes contra o governo agridem jovens que se posicionam a favor do governo. Noticiário mostra ação de movimentos sociais e populares em atos de apoio ao governo. Críticas à grande mídia. Acontecimento é visto como um ato “golpista” e que haverá resistência.</p> <p>Considerações gerais: os conteúdos postados na rede são críticos à atuação da imprensa convencional e ao judiciário. Ao mostrar que movimentos populares e sociais apoiam Lula e Dilma; e que manifestantes contra o governo podem ser truculentos, o veículo dá vida à outra versão dos fatos, não “lembrado” pela grande mídia. Os materiais investigados dão conta que a rede se posiciona favorável ao governo. Aqui, o veículo cumpre seu papel de ser uma alternativa aos grandes veículos da imprensa, no entanto, evidencia certo partidarismo e não cumpre preceitos básicos de objetividade subjetiva do jornalismo (BUCCI, 2003).</p>	

Considerações finais

A análise de um mesmo “acontecimento” na grande mídia e imprensa alternativa mostrou que a produção jornalística se dá a partir de “intenções” que inclui a participação do jornalista no desenvolvimento deste processo. Contudo, o produto final segue as diretrizes das instituições jornalísticas que estão à frente do trabalho e são soberanas na decisão sobre como a informação que será transmitida à opinião pública. A grande mídia e a imprensa alternativa apresentam particularidades que as colocam num ou noutro grupo, mas esses meios são independentes no “fazer jornalismo”.

Da corrente da grande mídia, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, vimos que o fato investigado consumiu horas de trabalho nas redações, que os veículos têm uma significativa estrutura de profissionais considerando o volume de matérias produzidas e diferentes autores dos textos; Lula, Dilma e Sergio Moro foram protagonistas dos noticiários; os protestos contra o governo receberam destaque nas páginas dos jornais; se posicionaram de forma crítica ao governo, no entanto, cada qual “manipulou” as informações segundo seu posicionamento político-ideológico.

A imprensa alternativa, por sua vez, nos pareceu ter uma estrutura menor, que se refletiu na quantidade de conteúdos produzidos; atuou no sentido de “desvelar” assuntos não tratados pela grande mídia; mostrou-se próxima a movimentos sociais e populares, e grupos de esquerda, entre outros; criticou a imprensa tradicional. No caso investigado, os veículos estudados se colocaram favoráveis ao governo, contra o judiciário e críticos no “fazer jornalismo” pela grande imprensa, mas também apresentam diferenças entre si e também fizeram “recortes” segundo seus pontos de vista e intenções.

Nesta pesquisa exploratória, em que analisamos cinco veículos de comunicação, notamos quão complexo e discutível é a prática jornalística. Notamos a imponência da grande mídia no processo de produção da notícia a partir da cobertura do grampo telefônico da conversa de Dilma e Lula a respeito da nomeação dele para ministro-chefe da Casa Civil. Em tese, deveríamos ter observado certa similaridade nos relatos dos jornais *O Globo* e *Folha de S.Paulo* acerca do “acontecimento”, contudo, não foi o constatado. O primeiro, por exemplo, sequer chegou a mencionar em seu noticiário a questão da legalidade da divulgação dos áudios. O segundo, por sua vez, embora tenha praticado um jornalismo mais “plural” e “crítico” reservou mais páginas para conteúdos desfavoráveis ao governo, o que não haveria problema se houvesse equilíbrio no debate

proposto pelo jornal. Daí a importância da imprensa alternativa de expor pautas para além do jornalismo convencional. Isso não quer dizer apoiar esse ou aquele governo, o que, por vezes, nos pareceu ocorrer. O valor do noticiário deste tipo de imprensa é trazer luz a discussões não apresentadas pela grande mídia por “intenções” diversas.

Notou-se que a divulgação do “acontecimento” à exaustão pela grande mídia inflou ainda mais a crise econômica e política no governo Dilma, sendo fato relevante no contexto do movimento do impeachment. Em nossa concepção é evidente que o “fato” seria e merecia ser repercutido pelos *media*, mas esperava-se um “fazer criativo do jornalismo” pautado por um controle consciente da “intenção”, que é a “liga abstrata que funde *ética* e *técnica*, na busca de uma *estética* significativa para o processo” do jornalismo (CHAPARRO, 2000, p.116). A imprensa alternativa foi uma opção aos grandes jornais ao tratar de temas não “lembrados” pela cobertura convencional, embora tenha resvalado no partidarismo político e tendências ideológicas. Espera-se que a grande mídia e a imprensa alternativa se empenhem e possam cumprir, um dia, a função social que se espera de grupos e instituições de comunicação social, apesar das relações complexas da ação jornalística.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu Abramo. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4ª ed. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2011.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CONHEÇA a Folha de S.Paulo. **Portal Folha.com**. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/folha_com.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FERNANDES, Vivian de O.N. **Panorama da mídia alternativa no Brasil e na América Latina**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia - UFOP. Outro Preto, 2013.

HISTÓRIA da Caros Amigos. **Portal Caros Amigos**. Disponível em:
<<http://www.carosamigos.com.br/index.php/fale-conosco/historia>>. Acesso em: 24jul. 2017.

MAPA das Manifestações no Brasil. **Portal G1**. Política. Disponível em:
<<http://especiais.g1.globo.com/politica/mapa-manifestacoes-no-brasil/todos/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MAIORES jornais do Brasil. **Portal Associação Nacional de Jornais**, s.d. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 26 jun. 2017).

PERES, Bruno; RESENDE, Thiago. DILMA perde mais popularidade no 2º mandato que Lula e FHC. **Portal Valor Econômico**, Política, 30 set.2015. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/4249454/dilma-perde-mais-popularidade-no-2-mandato-que-lula-e-fhc>>. Acesso em: 18 jun.2017.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximação entre a comunicação popular comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**. São Paulo, n.17, p.131-146, jun. 2009.

_____. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que o “gigante acordou” (?)**. IV Jornada Acadêmica Discente do PPGCOM-USP, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

_____. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação. (MONTEIRO NETO, A. (org.). **In: Sociedade Política e Desenvolvimento**. Brasília, Ipea, 2014.

PRINCÍPIOS editoriais do Grupo Globo. **Portal O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

QUEM somos. **Portal Carta Maior**. Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/CartaMaior/Quem-Somos/14/>> . Acesso em: 24jul. 2017.

QUEM somos. **Portal Jornalistas Livres**. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>> . Acesso em: 24jul. 2017.

SACCHIELLO, Bárbara. Circulação dos grandes jornais cai em 2006. **Portal Meio & Mensagem**, 20 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/02/20/circulacao-media-dos-grandes-jornais-cai-em-2016.html>>. Acesso em: 26 jun. 2017).

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.